

**INTERVENÇÃO DE CARLOS LAGE NO ÂMBITO DA APRESENTAÇÃO DO PROJECTO  
DOS PARQUES DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM TRÁS-OS-MONTES, 18 DE ABRIL  
DE 2008 | VILA REAL**

Exmo. Senhor reitor da UTAD

Exmos. Senhores Presidentes da Câmara de Vila e Real e Bragança

Exmo. Senhor Presidente do Instituto Politécnico de Bragança

Exmo Senhor Presidente da PortusPark

Senhoras e Senhores convidados

A criação de Pólos de Competitividade, Parques Científicos e Tecnológicos e de Áreas de Localização Empresarial são três peças centrais para impulsionar a ciência, a tecnologia, a inovação e a competitividade de Portugal e das suas regiões.

Entre estas três figuras de organização das mutações tecnológicas e empresariais urgentes no país, não cabe estabelecer uma hierarquia, nem tão pouco comportamentos estanques, mas são figuras distintas. Vão ser as três financiadas pelo QREN e, as duas últimas, as Áreas de Localização e os Parques de Ciência e Tecnologia serão financiadas pelos POs regionais.

A regulamentação específica destas linhas de financiamento foi recentemente aprovada e, muito em breve, estaremos em condições de fazer a abertura de concursos, pois que também a estas operações se aplica o modelo dos concursos. Os Parques de Ciência e Tecnologia estão para a sociedade do conhecimento como as antigas zonas industriais estavam para a sociedade industrial. Nos últimos anos, um pouco por todo o lado, os parques de ciência e tecnologia estão situados no epicentro do sistema ciência, tecnologia e empresa.

Economias baseadas no Conhecimento são aquelas nas quais a parte dos empregos intensivos em conhecimento crescem aceleradamente, o peso económico dos sectores de informação se torna determinante e a parte do capital intangível ultrapassou a do capital tangível no stock real do capital.

A economia fundada no conhecimento constituiu-se historicamente a partir de um duplo fenómeno: por uma parte, uma tendência longa relacionada com o aumento dos recursos consagrados à produção e à transmissão dos conhecimentos (educação, formação, investigação científica) e, por outra parte, um acontecimento tecnológico maior (o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação). O encontro entre estes dois fenómenos produz uma economia única, caracterizada por uma baixa significativa dos custos de codificação, transmissão e aquisição dos conhecimentos. Isto traduziu-se por um aumento possante das externalidades do saber assim como um incremento (as actividades consagradas à inovação) na actividade económica.

A determinante do sucesso das empresas e das economias nacionais são mais do que nunca dependentes das capacidades de produzir e utilizar o conhecimento.

Mas o que são parques de ciência e tecnologia?

Retomemos a definição consagrada no regulamento específico:

“Parque de Ciência e Tecnologia (PCT) é uma organização cujo principal objectivo é aumentar a riqueza da comunidade, através da promoção da cultura de inovação e da competitividade das empresas e instituições baseadas no conhecimento que lhe estão associadas. Um PCT estimula e gere o fluxo de conhecimentos e de tecnologias entre universidades, instituições de ID, empresas e mercados, facilitando a criação e o crescimento de empresas baseadas na inovação através da incubação e de processos de spin-off, fornecendo ainda outros serviços de valor acrescentado, bem como o apoio de serviços de elevada qualidade.”

Podemos, em síntese, dizer que um projecto de PTC está normalmente associado a um espaço físico de elevada qualidade ambiental, dotado de espaços verdes, e que: mantém relações formais e operativas com as universidades, centros de investigação e outras instituições de educação superior; está desenhado para estimular a formação e o crescimento das empresas baseadas no conhecimento, normalmente residentes no próprio parque; possui um organismo estável de gestão que impulsiona a transferência de tecnologia e fomenta a inovação entre empresas e organizações que utilizem o Parque.

Aonde pretendo chegar com estas definições conceptuais, hoje universalmente adquiridas? Como é evidente, pretendo chegar à conclusão de que criar um PTC é uma tarefa exigente, que implica condições difíceis de reunir e é, por isso, um grande desafio. Desafio esse que os participantes no projecto de criação do Parque de Ciência e tecnologia de Trás-os-Montes e Alto Douro decidiram enfrentar.

No PO Regional fizemos uma opção, no seu eixo “Competitividade, Inovação e Conhecimento” (dotado de 786 milhões e 645 mil euros), privilegiar o apoio à criação de condições para a expansão do conhecimento e da inovação e, por isso, pôr o acento tónico, há que confessá-lo, não tanto no subsídio à empresa, mas em políticas de expansão e estímulo à captação de empresas inovadoras, à transferência de conhecimentos das universidades e centros de investigação para as empresas e para a criação de empresas de base científica e tecnológica. É aqui que está a chave do nosso futuro e da nossa região. Pelo meu lado, chego até a lamentar que o QREN e os POs não se dedicassem quase em exclusivo a estas tarefas.

Já fizemos o nosso trabalho de casa: o plano para a inovação está elaborado, o mesmo acontecendo com o plano para os Parques de Ciência e Tecnologia e as Áreas de Localização Empresarial. Esses planos estão dotados de envelopes financeiros.

Não temos dúvidas que a Região Norte deverá possuir uma rede de PTC de elevada qualidade e altamente selectiva. Mas essa rede ficaria coxa se Trás-os-Montes e Alto Douro ficassem de fora.

A proposta de criação de um PTC em Trás-os-Montes e Alto Douro tem a seu favor o empenhamento, à partida, da sua universidade, condição indispensável, os municípios de Vila Real e Bragança, assim como do Instituto Politécnico desta cidade. Por outro lado, proporciona à parte mais desfavorecida da região um importante instrumento de desenvolvimento científico, tecnológico e empresarial. É um ponto de partida, não, evidentemente, um ponto de chegada. A CCDR-N olha para este projecto com o maior interesse. Às vezes, mesmo quando as condições ideais não parecem estar ainda reunidas, um golpe de audácia gera um conjunto de acontecimentos inesperados e resultados excelentes.

A inserção na cidade de Vila Real é um argumento poderoso a favor da constituição do Pólo. A sua localização privilegiada entre o litoral e o Interior, a sua boa articulação com os eixos e os fluxos principais do território, a presença física da universidade são vantagens indiscutíveis. Mas há ainda um outro ponto forte que poderá ser o elemento diferenciador deste PTC: o vinho do Porto e do Douro. O desdobramento na vizinha cidade de Bragança, pode criar nesta o potencial que precisa como cidade chave do Noroeste.

Nas nossas reflexões sobre esta questão esteve sempre presente a ideia de promover um pólo de competitividade em torno do vinho com a componente de investigação abraçando todo o ciclo produtivo, desde o solo às cepas, às doenças fitossanitárias, à enologia propriamente dita e até à componente empresarial que tem aqui uma forte presença, fazendo do Douro o centro de gravidade de

um pólo de carácter nacional e de vocação mundial, visto que o Vinho do Porto é uma marca mundialmente reconhecida. Acrescentem-se, as empresas e cooperativas que podem oferecer ao pólo uma dimensão empresarial mais ampla.

Todavia, esta exploração dos caminhos a seguir não fica comprometida, muito pelo contrário, com a constituição desta associação e com o pontapé de saída hoje aqui dado. Estamos disponíveis a trabalhar sobre o conteúdo do futuro PTC e do seu modo de financiamento.

Os meus votos são os de que Trás-os-Montes e Alto Douro e a Região Norte dêem um passo grande para um futuro melhor. Este é o melhor sinal que a região pode dar de que não se resigna e os seus principais actores rompem com rotinas e ideias feitas.

Muito obrigado